

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA CINEMATECA EM CHAMAS – HISTÓRIAS DE PROJEÇÃO E PROJECCIONISTAS
2 e 16 de janeiro de 2026

LE DÉPART / 1967

Um filme de *JERZY SKOLIMOWSKI*

Realização: Jerzy Skolimowski / **Argumento:** Jerzy Skolimowski e Andrzej Kostenko / **Direcção de Fotografia:** Willy Kurant / **Música:** Krszysztof Komeda / **Som:** Philip Cape / **Montagem:** Bob Wade / **Interpretação:** Jean-Pierre Léaud (Marc), Catherine-Isabelle Duport (Michèle), Jacqueline Bir (A mulher), Paul Roland (O chefe), Leon Dony, Lueien Charbonnier, Georges Aubrey, John Dobrynine, Bernard Graczyk, Marthe Dugard, Maxane, Jacques Courtois, Paul Frère, Paul Delrivière, etc.

Produção: Bronka Ricquier para Elisabeth Films / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em sueco e eletronicamente em português / **Duração:** 91 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Berlim, Junho de 1967 / Inédito comercialmente em Portugal.

NOTA: a segunda passagem de **Le Départ**, no dia 16 de janeiro, será precedida pela curta-metragem de Paul Sharits, **3rd Degree**. A respectiva folha será distribuída em separado.

Le Départ, quarta longa-metragem de Jerzy Skolimowski, é a primeira produzida fora da Polónia, mais concretamente na Bélgica. A partir daí e até 2008, o autor **Moonlighting** só por uma vez (**Rece do Góry**, 1981) voltaria a filmar no seu país natal.

Se bem que Bruxelas seja filmada por Skolimowski da mesma forma impessoal e irreal como anteriormente filmara Varsóvia, o facto é que esta “história” de um beligerante assistente de cabeleireiro, obsequioso com os seus clientes, mas dominado por uma obsessão por carros velozes, só faria sentido na Europa Ocidental capitalista e confiante (David Wilson *in* **MFB**). No entanto, se escavarmos um pouco mais fundo, verificamos que o núcleo de Skolimowski, a sua assinatura, que vem de **Bariera** e **Walkover**, se mantém coerente.

Com muito bem nota Serge Daney numa crítica ao filme publicada nos *Cahiers du Cinéma* (nº 192, Julho-Agosto de 1967) intitulada “Menos por Menos Igual a Mais”, Skolimowski, com essa passagem para o “lado de cá” da cortina de ferro, teve de fazer várias cedências e abdicar de uma relativa abundância de meios (e sobretudo de tempo) a que estava habituado a usufruir no “lado de lá”. Citemos: “**Le Départ** é um filme menos audacioso que **Bariera**, menos imponente que **Walkover**. Há várias razões para isso, todas secundárias: diálogos menos cuidados (Skolimowski não fala belga), a fotografia (Kurant) um pouco suja”.

Mas Skolimowski estava bem consciente das cedências que tinha de fazer – e onde as tinha de fazer - para obter o fundamental para ganhar a aposta. E, sendo essa aposta o Cinema, ela foi – o futuro encarregar-se-ia de o provar – obviamente ganha. E o Cinema, voltando a Serge Daney e ao artigo citado: “É o que os filmes contam e é a maneira como o contam (...) Skolimowski é um homem que diz: Eis uma

personagem, se a filmagem de longe é comédia musical, se de mais perto é melodrama, se ainda de mais perto é *cinéma-vérité*. Tudo é verdade. Que cada um escolha o que lhe convier. Eu escolho tudo”.

Repegando na palavra “escolha”, parece evidência absoluta – depois de se ver o filme – que a grande escolha de Skolimowski, a escolha que lhe permite vencer a aposta, ou seja que que lhe permite “contar o filme” desta maneira fulgurante é a escolha de Jean-Pierre Léaud. Que outro actor – diria mesmo que outra pessoa – conseguiria ser (ou representar) um cabeleireiro com uma “pancada “ por carros de corrida (logo para mais o Porsche 911S!)?

Voltando, e vale sempre a pena, a Serge Daney:

“Há em **Le Départ**, uma cena em que Jean-Pierre Léaud e o seu cúmplice, também ele cabeleireiro, se fazem passar por um Marajá e pelo seu secretário. Percebemos relativamente depressa que se trata de uma impostura, mas é difícil não acreditar – nem que seja por alguns segundos – na existência do dito Marajá. Esses poucos segundos são talvez toda a arte de Skolimowski: um homem que contaria maravilhosamente histórias e que as concluiria com um sorriso fino, troçando da credulidade do seu auditório”.

Serge Daney viu neste filme, e sintetizou-o com uma perspicácia a todos os títulos invejável a arte – a originalidade – de Jerzy Skolimowski.

Não só neste filme, mas em todos ou outros que lhe sucederiam.

João Pedro Bénard